

EDUCAÇÃO MORAL

# NÓS, POR EXEMPLO

Se a questão é a transmissão de princípios, o modelo, o ambiente e a compreensão das regras são mais eficazes que qualquer aula expositiva

WALTER PORTO  
DE SÃO PAULO

Você já deve ter ouvido, mesmo que à boca miúda: se alguém tem uma conduta reprovável, é porque não aprendeu bons valores em casa.

Ética, respeito e honestidade são qualidades enaltecidas e alvo de preocupação de pais e escolas, mas desvios são tão frequentes que levam à pergunta: é possível ensinar princípios a outra pessoa?

O economista e ensaísta Eduardo Giannetti compara a assimilação de valores ao aprendizado da linguagem. É difícil dizer quem nos ensinou a falar, mas ninguém nasceu sabendo e todos aprenderam.

"Valores éticos são uma espécie de gramática da convivência. Sem a gramática, não há língua, do mesmo modo como a virtude dá o estilo do convívio", diz Giannetti.

Ele lembra o diálogo entre Platão e Protágoras, no qual esse último argumenta que a consciência e a noção de justiça são traços conquistados a duras penas pela humanidade, que devem ser reaprendidos a cada geração; o ensino começa no colo das mães, passa pela escola e continua por toda a vida em comunidade, com a ajuda da puni-

ção dos transgressores.

O educador Mario Sergio Cortella aponta a exemplaridade como melhor maneira de ensinar ética. "É claro que valores podem ser transmitidos pelos pais, mas não com a automaticidade que alguns desejam. Até porque parte da força de uma nova geração vem da oposição à anterior."

Giannetti afirma que a adesão às normas depende de internalização: é preciso entender por si mesmo que a regra é importante para a vida em sociedade, e não ser coagido por castigos ou vergonha.

"Passa por uma educação formal, que ajude a entender a existência de normas não para tolher pessoas, mas permitir que compartilhem o espaço de forma harmoniosa."

Luciene Tognetta, da Unesp, coordena o Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Moral, que reúne membros de várias universidades atentos ao ensino da ética nas escolas. Pesquisa do grupo analisou projetos de educação moral de 1.100 escolas públicas e considerou só 2% completos, já que a maioria se resumia em preleções verbais, tarefas e iniciativas isoladas de professores.

No aconselhamento que o grupo promove em colégios, a instrução é criar um ambi-

ente que estimule a autonomia e a autorregulação. "O professor deve dar às crianças condições de resolver problemas pela conversa, deixar que, num conflito, saiam de seu ponto de vista e percebam o do outro. Só assim se desenvolve a autonomia do dever moral", diz a professora.

O colégio Bandeirantes, de São Paulo, dá curso de formação em ética para professores e funcionários e, nas salas de aula, mantém a disciplina Convivência em Processo de Grupo, que ocupa uma hora por semana do sexto ano ao fim do ensino médio, apresentando dilemas morais.

"A ideia é, sem mencionar a palavra ética ou moral, permitir que problemas relacionados apareçam naturalmente", diz a coordenadora, Maria Estela Zanini.

Também para Giselle Magnosson, diretora do Albert Sabin, o ambiente é mais importante do que a aula expositiva para o estímulo da ética. No currículo, há momentos

em que alunos são convidados a sustentar posições. "Não é preleção sobre respeito, mas um debate em que o aluno reflete e argumenta."

É possível expandir para toda a comunidade a noção de que o ambiente é peça-chave na formação da moral.

Mesmo rechaçando a máxima de que o homem é produto do meio, Cortella diz que a conduta resulta em boa parte do sistema de valores vigente, a que a pessoa adere "para não se sentir excluída".

Microcosmos como o trânsito oferecem tubos de ensaio, afirma Giannetti. "Se você pegar um motorista carioca e levar a Zurique, em pouco tempo ele estará dirigindo como o suíço, e vice-versa".

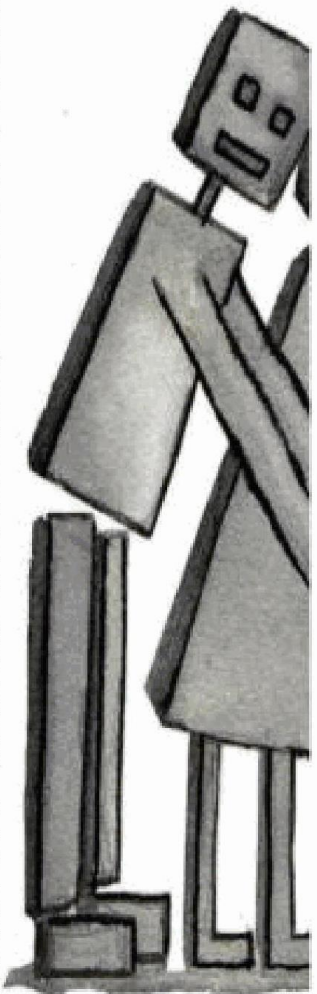
Mas o contrato social que rege a vida é mais quebradiço do que se pensa. Na Nova York de 1977, bastou um apagão de pouco mais de 24 horas, entre 13 e 14 de julho, para haver explosão no número de crimes: 1.600 lojas danificadas e mil incêndios foram reportados, levando a mais de 3.000 detenções.

Não é preciso ir tão longe em tempo e espaço: todo brasileiro deve se lembrar da greve de policiais militares no Espírito Santo, em fevereiro, que deixou 198 mortos em três semanas.

"Mesmo em sociedades avançadas, quando há o colapso da dimensão da submissão, rapidamente des-camba-se para uma situação de guerra de todos contra todos", afirma Giannetti. "Você percebe como é frágil esse



VALORES ÉTICOS  
SÃO UMA ESPÉCIE  
DE GRAMÁTICA  
DA CONVIVÊNCIA.  
DO MESMO MODO,  
A VIRTUDE DÁ  
O ESTILO DO  
CONVÍVIO



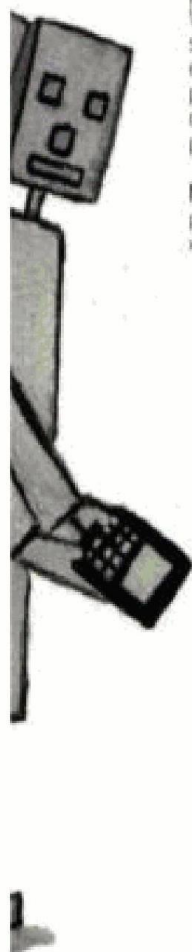


QUEM VEM

## A MILITANTE DA VIDA PLENA

Em sua proposta filosófica, a norte-americana Martha Nussbaum agrega elementos da antropologia, da psicanálise e da sociologia. Vê que os indivíduos e as sociedades devem caminhar em direção à "eudaimonia", palavra originada do grego que significa uma vida plena e próspera

**MARTHA NUSSBAUM**  
pensadora norte-americana  
» FRONTEIRAS 6. dez., 20h30



TROCHE

## 'A escola pode estimular a compaixão por meio das artes e da literatura'

DE SÃO PAULO

A pensadora norte-americana Martha Nussbaum é conhecida por defender um ensino permeado de humanidades. Alinhada ao economista indiano Amartya Sen, ela é um estandarte da "abordagem das capacidades" na filosofia, segundo a qual aspectos inatos de todo ser humano devem ser cultivados para evitar uma vida indigna.

Nussbaum foi pioneira ao listar dez capacidades cujo desenvolvimento é essencial —como emoção, razão prática, saúde e controle sobre o ambiente. Nesta entrevista à **Folha**, ela prega que as escolas fomentem "compaixão".

★

**Folha** - Como a escola pode desenvolver empatia no aluno?

**Martha Nussbaum** - Faço distinção entre empatia e compaixão —e é de compaixão que precisamos. Empatia é só a habilidade de pensar como é estar no lugar do outro. Não é moral. Um torturador sabe infligir mais humilhação por causa da empatia.

Compaixão diz que os obstáculos enfrentados pelo próximo são ruins. Podemos senti-la sem imaginar a vida do outro, como quando nos compadecemos de animais.

As escolas podem desenvolver compaixão por meio da literatura e das artes, no currículo, e pela própria pedagogia, incluindo todos os alunos e ajudando-os a entender os obstáculos desiguais que al-

guns deles enfrentam, seja por questões econômicas ou incapacidades físicas e cognitivas.

Se a escola é pública, deve focar nos valores centrais da sociedade, expressos nas leis e na Constituição. Nos EUA, esses princípios incluem rejeição ao racismo e à hierarquia de gênero, mas não os valores específicos de uma religião sobre a outra.

**Esses valores centrais na formação do estudante seriam os mesmos para brasileiros?**

Todos os países deveriam dar apoio para que todos os cidadãos tenham chance de lutar por uma vida próspera. Minha lista de dez capacidades captura o cerne dos direitos essenciais. As nações têm liberdade para focar nos valores de suas tradições, mas não naqueles que violam direitos humanos básicos.

**Como um governo deve levar o país a uma maior tolerância?**

É preciso trabalhar em duas direções: pelas atitudes nas escolas, na mídia e no discurso político, promovendo imagens dignas de minorias raciais, e nas leis e instituições, tomando normas antidiscriminatórias mais duras e dando oportunidades econômicas genuínas para as minorias. Pôr um fim na segregação habitacional é um dos passos mais importantes para uma sociedade integrada. Acredito que a ação do governo pode propiciar mudança, e isso foi importante para gênero e raça no meu país.



QUEM VEM

## O ECONOMISTA CRIATIVO

Ao mesmo tempo em que se preocupa em debater de forma técnica e sóbria sua principal área de atuação, a economia, busca aproximá-la do universo da cultura. "Tropicos Utopicos" (Companhia das Letras) fala dos aspectos culturais, econômicos e sociais do Brasil

**EDUARDO GIANETTI**

economista brasileiro  
» FRONTEIRAS 7. jan., 20h30, em debate com Gilles Lipovetsky



QUEM VEM

## O BIÓGRAFO DO UNIVERSO

Em "Sete Breves Lições de Física" (Objetiva), o cientista italiano explica as mais recentes teorias sobre o funcionamento e a criação do universo. Desenvolveu, com o norte-americano Lee Smolin, uma das principais teorias sobre o funcionamento da gravidade em nível sub-atômico

**CARLO ROVELLI**

cientista italiano  
» FRONTEIRAS 17. mai., 20h30